

OS CAMINHOS DA ETNOGRAFIA: LINHAGENS ANTROPOLÓGICAS E PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO EM CAMPO

Amanda Gomes Pereira  

Universidade Federal do Maranhão | São Luíz - MA - Brasil

submissão: 13/09/2022 | aprovação: 04/07/2023

RESUMO

Ao seguir o percurso de uma tradição antropológica inspirada pelo espírito da etnografia – e por considerá-la a base ética e epistemológica da Antropologia, central no processo de construção desse campo científico –, o intuito deste artigo foi destacar os processos de elaboração de um olhar antropológico caudatário dos estudos urbanos. Nesse aspecto, o trabalho de campo e o texto etnográfico se inserem em um devir, um fluxo, em que teias de relações se estabelecem de maneira criativa a partir de dinâmicas de reconhecimento, bem como de reflexos especulares. Em processos espirais de intersubjetividades, que se encontram em relações vivenciadas em campo, um brilho do olhar constrói pontes, aparentemente intransponíveis, borrando fronteiras simbólicas. Nessa formação de subjetividades, relacionalmente, os corpos – principalmente os delineados nas margens – ocupam um papel protagonista. Gênero, corpos e sexualidades se entrelaçam na busca pela compreensão da ampliação sobre o humano. Desse modo, o objetivo foi demonstrar a importância da etnografia para a consolidação de um campo de saber cujos caminhos de aproximação das outridades, sujeitos e sujeitas, inseridos em determinado contexto social, revelam a apreensão e a construção de conhecimentos – abertos ao inesperado, ao inacabado e ao imponderável da vida.

Palavras-chave: Corpos, Etnografia, Gênero, Intersubjetividades, Sexualidades.

THE PATHS OF ETHNOGRAPHY: ANTHROPOLOGICAL LINEAGES AND SUBJECTIVATION PROCESSES IN THE FIELDWORK

ABSTRACT

By following the path of the anthropological tradition inspired by the spirit of ethnography – and considering it the ethical and epistemological basis of Anthropology, as well as a fundamental part in the process of construction of this scientific field –, this paper aims to highlight the methods of elaboration of an anthropological perspective under the light of the Urban Studies. In this sense, both fieldwork and ethnographic text engage in a “becoming”, a flow, in which networks are creatively established from dynamics of recognition and specular reflections. In spiral processes of intersubjectivities, which are found in relationships experienced in the fieldwork, a bright gaze builds bridges that are apparently insurmountable, thus blurring symbolic boundaries. In this formation of subjectivities, bodies, relationally, play a leading role –especially those outlined in the margins. Gender, bodies and sexualities intertwine in the search for understanding the expansion of the human. Therefore, the objective is to demonstrate the importance of ethnography for the consolidation of a scientific field whose ways of approaching the other, namely subjects inserted in a specific social context, reveal the apprehension and construction of knowledge open to the unexpected, unfinished and the imponderables of life.

Keywords: Bodies, Ethnography, Gender, Intersubjectivities, Sexualities.

LOS CAMINOS DE LA ETNOGRÁFIA: LINAJES ANTROPOLÓGICOS Y PROCESOS DE SUBJETIVACIÓN EN EL CAMPO

RESUMEN

Siguiendo el camino de una tradición antropológica inspirada en el espíritu de la etnografía – y considerándola la base ética y epistemológica de la Antropología, central en el proceso de construcción de este campo científico –, el objetivo de este artículo fue resaltar los procesos de elaboración de una perspectiva antropológica, fundamentación de los estudios urbanos. En este aspecto, el trabajo de campo y el texto etnográfico son parte de un devenir, un flujo, en el que se establecen redes de relaciones de manera creativa a partir de dinámicas de reconocimiento, así como de reflexiones especulares. En los procesos espirales de intersubjetividades, que se encuentran en las relaciones vividas en el campo, un brillo de la mirada construye puentes, aparentemente insuperables, desdibujando los límites simbólicos. En esta formación de subjetividades, relacionalmente, los cuerpos – especialmente los perfilados en los márgenes – juegan un papel protagónico. Género, cuerpos y sexualidades se entrelazan en la búsqueda de comprender la expansión de lo humano. De esta manera, el objetivo fue demostrar la importancia de la etnografía para la consolidación de un campo de conocimiento cuyos caminos de abordaje de otras entidades, sujetas y sujetos, insertos en un contexto social determinado, revelan la aprehensión y construcción de conocimiento – abierto al inesperado, a lo inacabado y a lo imponderable de la vida.

Palabras clave: TCuerpos, Etnografía, Gênero, Intersubjetividades, Sexualidades.

1. INTRODUÇÃO¹

A antropóloga norte-americana Ortner (2011), em seu esforço de empreender uma reflexão sobre as abordagens teóricas das diferentes tradições antropológicas que emergiram e se consolidaram no século XX, ressalta: “A tentativa de ver outros sistemas com os pés no mesmo chão dos nativos é a base, talvez a única base, da contribuição propriamente antropológica para as ciências sociais” (Ortner 2011: 439). As análises aqui esboçadas comungam com essa perspectiva e propõem, sem a pretensão de abarcar em amplitude o campo da Antropologia e as contribuições do método etnográfico, destacar o quanto o trabalho de campo – em minúcias e detalhes da vida cotidiana que fogem ao nosso controle – obriga-nos a promover um movimento constante de desconstrução e desnaturalização das nossas próprias categorias.

Para tanto, prestamos também uma homenagem às linhagens antropológicas que contribuíram para a minha formação, pessoalmente, em especial para o refinamento do olhar antropológico, tão necessário à Antropologia. Sem esses ensinamentos e apoios – vindos de maneiras distintas, cercados de muito afeto, acolhimento e encontros acadêmicos –, as linhas aqui escritas não existiriam. A “fé no trabalho de campo” e a formação etnográfica são ensinamentos repassados que modificaram a minha percepção acerca da profissão. Dessa forma, entendemos que:

É essa nossa capacidade, sobretudo desenvolvida no trabalho de campo, de adotar a perspectiva do povo em terra firme que nos permite aprender qualquer coisa – mesmo na nossa própria cultura – para além do que nós já sabemos (de fato, enquanto um número crescente de antropólogos está fazendo trabalho de campo nas culturas ocidentais, inclusive nos Estados Unidos, a importância de manter a capacidade de perceber a alteridade, mesmo aqui perto, está cada vez mais clara). É essa nossa localização ‘no chão’ que nos permite ver as pessoas não simplesmente como reprodutores e reagentes passivos a um ‘sistema’, mas como agentes ativos e sujeitos da sua própria história (Ortner 2011: 439).

Ainda no âmbito pessoal, é devido à paixão que me fez fincar os pés “no chão” na tentativa de compreender as relações de alteridade que, a seguir, procuro traçar percursos que relacionam a etnografia como basilar para a construção do conhecimento antropológico. Para tal, pretendo destacar sua importância no processo de produção de aproximações interpretativas, simbólicas, discursivas e práticas das relações humanas, sublinhando a importância da Antropologia brasileira na formação de etnógrafos dedicados a pensar o outro não tão distante nem por isso próximo (Velho 1978). Trajetórias traçadas que tecem diálogos entre métodos, como a observação participante e a história oral, mas que são, sobretudo, resultado das relações estabelecidas em campo por sujeitos e sujeitas – pesquisadora e atores inseridos em seus contextos cotidianos.

Como forma de organização do argumento, este artigo está dividido em seções nas quais são desta-

¹ Uma primeira versão deste texto foi apresentada durante o III Simpósio Internacional Interdisciplinar em Cultura e Sociedade do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, na mesa-redonda intitulada “Antropologia e suas interfaces: as perspectivas críticas teórico-metodológicas”, e publicada nos anais do evento.

cadadas a sistematização da observação participante como método por Malinowski, bem como diferentes percepções sobre esse método – suas possibilidades e alcance na capacidade de compreensão das relações sociais. Na segunda seção, fazemos um breve diálogo entre os métodos etnográfico e história oral, como recursos para acompanhar e descrever trajetórias de vida. Na terceira parte, dados da minha pesquisa de campo, executada durante a realização do mestrado, são apresentados para destacar o quanto somos afetados em campo e o quanto esse processo é transformador das nossas trajetórias pessoais e profissionais, levando-nos ao desenraizamento necessário para a compreensão da alteridade e outridade (Uriarte 2012). Por fim, algumas conclusões são elencadas, representando um convite para a continuação do diálogo quanto à etnografia, suas contribuições e sua centralidade na Antropologia.

2. ETNOGRAFIA: PERSPECTIVAS E REFLEXÕES

No processo de criação e consolidação da Antropologia, a etnografia se consolida como um modo de distinção da disciplina dentro das Ciências Sociais e Humanas – o exercício da pesquisa de campo tornou-se um definidor de identidade. Malinowski foi o principal responsável por essa junção, como lembra Clifford (2011).

Malinowski (1976), em seus textos, buscou apontar caminhos a serem trilhados na realização de uma pesquisa de campo. Para o autor, pontos importantes estão entrelaçados ao fazer etnográfico, como:

[...] estar atento aos mínimos fatos da vida tribal, não deixando escapar

nada à observação; evitar ideias preconcebidas, apoiando-se sempre em arcabouço teórico capaz de auxiliar o pesquisador em suas indagações sobre o comportamento nativo; perscrutar a cultura nativa na totalidade de seus aspectos; estudar um fenômeno a partir de uma exaustiva coleta de dados sobre inúmeras manifestações deste; montar quadros sinópticos de análise; documentar a organização da tribo e a anatomia da cultura; registrar num diário de campo os ‘fatos imponderáveis’ da vida nativa, coletados a partir de observações detalhadas e minuciosas que só são possíveis por meio do contato íntimo com a vida nativa; e, por último, o *corpus inscriptionum* (Malinowski 1976: 37).

Se as condições de pesquisa dadas a nós hoje diferem muito das condições de Malinowski nas Ilhas Trobriand – visto que, na maioria das vezes, não há recurso nem tempo semelhante para a elaboração das pesquisas de campo –, seus ensinamentos permanecem como um guia, mostrando-nos a demasiada importância de se levar a sério os nativos, nativas, quaisquer que sejam as condições de pesquisa que nos forem dadas – sendo esse um dos grandes desafios. Após a publicação do diário de campo de Malinowski, com a permissão de sua viúva, seu discurso e ênfase dada ao levar a sério o ponto de vista dos nativos passaram a ser questionados por um grupo de antropólogos e antropólogas, estabelecendo-se uma crítica ao livro *Argonautas do Pacífico Ocidental* em termos dos aspectos ficcionais da escrita desse texto etnográfico. O processo de colocar em ordem os dados, de ordenar fatos obtusos e, para muitos, sem sentido, seria parte do processo de construção de sentido elaborado pelas escolhas do pesquisador ou da pesquisadora.

As experiências anteriores do fazer etnográfico, compreendidas por Boas no século XIX, anos antes de Malinowski², estiveram pautadas em uma base empirista, cujo trabalho de campo consistia em coletar e sistematizar dados detalhados sobre culturas particulares (Eriksen & Nielsen 2012: 52). Além disso, ao definir a Antropologia como a ciência em referência a tudo que se compreendia como humano e, assim, dividi-la em quatro campos de saber – Linguística, Antropologia Física, Arqueologia e Antropologia Cultural –, Franz Boas contribuiu para a formação de inúmeras gerações e linhagens antropológicas, responsável pelo desenvolvimento da Antropologia – principalmente da Antropologia Cultural – nos Estados Unidos e ao redor do mundo, como no Brasil (Eriksen & Nielsen: 2012). Enquanto Malinowski, com sua base teórica funcionalista, preocupava-se em dar ordem aos fatos, Boas, fiel à sua formação empirista, dedicava-se a encontrar ordem nos fatos (Sahlins 2003).

Outrossim, o modo ou estilo de pesquisa em grupo, em curtos períodos, em locais próximos à realidade e ao contexto dos pesquisadores, por se diferenciar dos pressupostos da etnografia britânica – realizada em contextos muito distantes da vida cotidiana desses pesquisadores –, inaugurou um novo estilo, ampliando as possibilidades. É inegável ainda sua crítica, seus posicionamentos progressistas, sendo um incansável crítico ao racismo e à influência

dele à ciência, rompendo com uma perspectiva positivista da ciência e da suposta neutralidade científica.

No caso de quem estuda a própria sociedade, há uma falsa percepção de que a língua não é um entrave – visto que tanto o pesquisador quanto o sujeito/sujeita da pesquisa compartilham de um mesmo código linguístico (Fonseca 1999). Contudo, em campo, percebemos que um elemento importante para se estranhar o supostamente familiar é constatar que os significados não são os mesmos quando utilizamos um determinado significante (DaMatta 1974, Velho 1978). Categorias nativas, inseridas em contextos específicos, podem ressignificar o uso de palavras de um mesmo idioma, imprimindo novos sentidos, tornando-se peça fundamental no processo de ampliação da compreensão do humano. Afeto e desejo não possuem o mesmo significado dado por mim e pelas sujeitas com quem me relacionei em campo, assim como sexualidade.

Logo, mesmo que vários desses pressupostos tenham sido reavaliados, a dedicação e o empenho na compreensão do outro pela observação participante permanecem como inspiração para muitos antropólogos e antropólogas. Advém da perspectiva malinowskiana a fé de muitos colegas de profissão na etnografia e o anseio de aprender o ponto de vista dos nativos, seu relacionamento com a vida e sua visão de mundo a partir da utilização desse método (Malinowski 1976).

² Como destaca Celso Castro em sua apresentação ao livro *Antropologia cultural*, de Franz Boas (2005: 9): “Em 20 de junho de 1883, Boas partiu para sua expedição aos esquimós” (Boas 2005: 9). Sua etnografia foi publicada em 1888, *The Central Eskimo*, 24 anos antes da publicação de *Argonautas do Pacífico Ocidental* (Boas 2005).

Após esses primeiros ensinamentos, especializamo-nos no “olhar, ouvir e escrever”, como destaca Oliveira (1996). “Olhar e ouvir”, disciplinados pelas teorias antropológicas, estão incluídos na primeira parte do processo de pesquisa, o estar lá. Olhamos e ouvimos porque participamos por um período da vida nativa, em busca de uma hierarquia estratificada de estruturas de significantes que subjazem ao discurso nativo e que se confrontam no cotidiano das relações sociais com as práticas e as ações (Geertz 1989). Essas práticas e ações efetivamente só ganharão sentidos durante o ato da escrita. Desse modo, atos corriqueiros e banais que são executados e repetidos inúmeras vezes, tabulados, mapeados e registrados pelo olhar atento do antropólogo, e inscritos em sua principal ferramenta de trabalho – o diário de campo –, passam a compor um texto cuja autoria é fruto de relações e negociações estabelecidas em campo. Um “ouvir” e um “olhar” aguçados e treinados pelo arcabouço teórico que adquirimos ao longo de nossa formação acadêmica.

A intersubjetividade é outro fator importante na elaboração de uma pesquisa etnográfica. A relação social que se estabelece entre antropóloga e sujeitos/sujeitas não se resume apenas às explorações psicológicas de pessoas que trocam suas experiências pelo diálogo nem a um encontro empático de almas, mas há um processo árduo, moroso e conflitante em que a pesquisadora se expõe na tentativa de compreender as camadas de significados que subjazem ao universo dos sujeitos. Em busca de suas perguntas, a antropóloga dirige-se ao “outro” para

saber como esse responde a questionamentos cotidianos, corriqueiros e similares ao seu universo.

Como o objetivo da Antropologia com o qual eu me identifico é o “alargamento do universo do discurso humano” (Geertz 1989), as informações obtidas não podem versar sobre o “homem” ou a “mulher” – sujeitos eternos e a-históricos. Os sujeitos e sujeitas são de “carne e osso” e devem ser retratados como tal, com histórias de vida específicas, cor, classe social, idade, gênero, escolaridade, todo um mapa e um léxico sociológico que nos permite inseri-los em uma trama de relações sociais – e não os isolar como indivíduos. A partir desse mapeamento, valendo-se de categorias analíticas, será possível estabelecer comparações entre contextos sociais, históricos e culturais distintos. Como ressalta Fonseca (1999: 59): “A insistência – na visão antropológica – no aspecto social do comportamento leva à procura por sistemas que vão sempre além do caso individual”.

A antropóloga Ortner (2011: 458) enfatiza que:

[...] as versões modernas da teoria da prática, de outro lado, são únicas em aceitar os três lados do triângulo de Berger e Luckmann: que a sociedade é um sistema, que o sistema é poderosamente constrangedor, e mesmo assim que o sistema pode ser feito e desfeito por meio da ação e da interação humanas.

Ao “escrever”, o antropólogo procura hierarquizar o universo simbólico dos nativos, por meio de como ele comunica sua experiência. Lê os mapas, as anotações de campo, as genealogias, todo o material levantado, procurando interpretá-los, encontrar

sentidos existentes atrás dessas informações. Em um processo nomeado por Dilthey de “círculo hermenêutico”, a antropóloga:

[...] salta continuamente de uma visão de totalidade através das várias partes que a compõem, para uma visão das partes através da totalidade que é a causa de sua existência, e vice-versa, com uma forma de moção intelectual perpétua, buscando fazer com que uma seja explicação para a outra (Geertz 2001: 105).

Além dessa estratégia de compreensão e construção do texto etnográfico, a narrativa em primeira pessoa é outro recurso textual utilizado pelo pesquisador. Como a escrita etnográfica é marcada pelo “estar aqui” – que não difere tanto do “estar lá”, sendo, muitas vezes, espaços contíguos –, a antropóloga realiza trânsitos subjetivos, dialogando com colegas de profissão em um ambiente acadêmico, tecendo seu texto de maneira dialógica. Assim, segundo Fonseca (1999: 66), princípios, modos e etapas são realizados:

1) estranhamento (de algum acontecimento no campo), 2) esquematização (dos dados empíricos), 3) desconstrução (dos estereótipos preconcebidos), 4) comparação (com exemplos análogos tirados da literatura antropológica), 5) sistematização (do material em modelos alternativos).

As implicações da etnografia vão muito além, visto que os pressupostos teóricos da disciplina antropológica se baseiam no situar-se em campo, nas entradas e formas de aproximação, no contato, no deslocar-se, física e subjetivamente, nas discussões sobre alteridade que promovem o diálogo entre

sujeitos e sujeitas da pesquisa – fator que possibilita que essa disciplina se renove sempre, seguindo os fios necessários para entrar e sair de seus labirintos. Aqui cabe a ressalva de que o “estar lá” representa muito mais uma construção discursiva do que distâncias e fronteiras geográficas (Oliveira 1996).

Outros aspectos a serem destacados vinculam-se às nossas tentativas de acompanhar as trajetórias e circuitos dos sujeitos e sujeitas, seguindo-os com perguntas obtusas. Traçar essas trajetórias requer um diálogo acerca das metodologias utilizadas pela “história oral”. Narrar uma história é pensar a própria vida a partir de uma linearidade que, muitas vezes, apresenta-se como ilusória (Bourdieu 2006). Sob esse prisma, produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, “[...] narrá-la como um relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significação e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária, não deixou e não deixa de reforçar” (Bourdieu 2006: 185).

O ato de narrar a vida e de percebê-la como uma história faz com que os discursos produzidos pelos sujeitos e pelas sujeitas, muitas vezes, tenham contradições, e que eles se contradigam em diversos momentos. Neusa Santos Souza, em seus estudos, ressalta a importância das metodologias “estudo de caso” e “técnica de história de vida” no processo de levantamento dos significados da experiência de ser negro em uma sociedade branca e racista, como a brasileira (Souza 1983). Para a pesquisadora, por

meio desses instrumentais, seria possível mensurar como a história de vida dos sujeitos e sujeitas negras, em ascensão, relacionavam-se com a História, oficial e presente nos discursos oficiais. Por conseguinte, narrar uma história está intimamente ligado ao processo de construção de subjetividade, de se pensar enquanto sujeito que possui agência, mesmo quando sua trajetória e a de seu povo tenham sido negligenciadas pela História oficial.

Em campo, percebemos a importância dada pelas pessoas ao processo de narrativa de suas histórias, mesmo que a pesquisadora ou o pesquisador as interpelem com perguntas obtusas. A relação construída durante a pesquisa de campo é, antes de tudo, uma relação social, com todos os componentes que a constituem – poder, *status*, hierarquia. O conhecimento antropológico, como lembra Castro (2002: 114), “[...] é imediatamente uma relação social, pois é efeito das relações que constituem reciprocamente o sujeito que conhece e o sujeito que ele conhece, e a causa de uma transformação (toda relação é uma transformação) na constituição relacional de ambos”. Toda narrativa pressupõe a escuta e, assim, ao narrarem suas histórias, encenam para si mesmos os próprios elementos que dão sentido às suas vidas. É uma busca por permanecer pelas palavras e pelo olhar de outrem.

Em campo, esses relatos de trajetórias de vida foram essenciais para inserir sujeitos e sujeitas da pesquisa em contextos sociais, históricos, políticos, econômicos e culturais, escapando das armadilhas

dos universais e possibilitando comparações e análises com outros contextos e trajetórias semelhantes.

3. A PAIXÃO PELA ETNOGRAFIA: OS IMPONDERÁVEIS DOS AFETOS EM CAMPO

Ao analisar as possibilidades de produção do conhecimento pelo método etnográfico, compartilho de uma tradição iniciada pela antropóloga norte-americana Claudia Fonseca – docente da Universidade Federal do Rio Grande do Sul há 30 anos – de que o fazer antropológico se aprende fazendo, e não apenas ouvindo e lendo sobre.

Desse modo, devido ao fato de a autora pertencer a essa linhagem antropológica – uma vez que foi orientada por [informação suprimida para avaliação]³, aprendeu o ofício sendo levada ao campo com outros pesquisadores, tendo a oportunidade de estabelecer conexões durante a realização das pesquisas –, reproduz táticas ensinadas por essa rede. O diálogo entre esses múltiplos olhares e os ruídos estabelecidos em um contexto árido de campo, voltado para o estudo dos efeitos da violência armada na cidade do Rio de Janeiro, permitiram pensar as diferentes estratégias e entradas como importantes processos para a constituição de si enquanto pesquisadora. O campo, com seus desafios, embaralha certezas e faz emergir aspectos da nossa subjetividade, desconhecidos e aflorados nas dinâmicas de tentativa de compreensão e aproximação dos outros. Assim, a tradição iniciada por Claudia Fonseca, e replicada por seus orientandos e orientandas espalhados em diferentes institui-

³ Pesquisadora que teve sua trajetória de formação sob a orientação da professora doutora Claudia Fonseca.

ções pelo país, de repassar a formação etnográfica indo a campo com suas alunas e seus alunos, parte do pressuposto de um fazer antropológico engajado, que se ocorre nas margens, em diálogos estabelecidos nas dobras do Estado (Das 2004).

Sob esse aspecto, a pesquisa se torna também um ato político e rompe com a ideia de neutralidade epistemológica, presente no surgimento da observação participante. Olhar é assumir uma perspectiva e, nesse sentido, todo ponto de vista é orientado por trajetórias que se cruzam nas relações estabelecidas em campo. Isso porque, durante nossas andanças, “[...] há questões que despertam nossa curiosidade, que necessitam da nossa atenção, que nos comovem, que nos dão a oportunidade de pensar de outra maneira, meio de surpresa, meio desorganizada, meio rebelde, meio detetive, meio artesão” (Schuch 2016: 394). A partir de um encontro e da busca de uma maneira de pensar, estabelece-se um constante colocar e recolocar-se em campo.

Ao estudar relações afetivas e de trabalho de garotas de programa, foi o mistério que me fez experimentar uma relação de intersubjetividade com as pessoas que conheci durante a pesquisa. Para adentrar os silêncios que povoam as vivências cotidianas, é preciso afetar-se pelas emoções e lógicas presentes nas relações sociais postas em jogo no campo, aceitando ocupar espaços que rompem com qualquer tentativa de neutralidade científica – pressuposto hierárquico e colonizador. Como ressaltam Siqueira e Favret-Saada (2005: 159):

[...] aceitar, participar e ser afetado não tem nada a ver com uma operação de conhecimento por empatia, qualquer que seja o sentido em que se entende esse termo... segundo a primeira acepção a empatia supõe distância: é justamente porque não está no lugar do outro que se tenta imaginar o que seria estar lá, e quais ‘sensações, percepções e pensamentos’ ter-se-ia então. Ora, eu estava justamente no lugar do nativo, agitada pelas ‘sensações, percepções e pelos pensamentos’ de quem ocupa um lugar no sistema de feitiçaria. Se afirmo que é preciso aceitar ocupá-lo, em vez de imaginar-se lá, é pela simples razão de que o ali se passa literalmente inimaginável, sobretudo para um etnógrafo, habituado a trabalhar com representações: quando se está em um tal lugar, é se bombardeando pelas intensidades específicas (chamemo-las de afetos), que geralmente não são significáveis. Esse lugar e as intensidades que lhe são ligadas têm então que ser experimentados: é a única maneira de aproximá-los. Uma segunda acepção de empatia insiste, ao contrário, na instantaneidade da comunicação, na fusão com o outro que se atingiria pela identificação com ele. Essa concepção nada diz sobre o mecanismo de identificação, mas insiste em seu resultado, no fato de que ela permite conhecer os afetos de outrem. Afirmo, ao contrário, que ocupar tal lugar no sistema de feitiçaria não me informa nada sobre os afetos do outro, ocupar tal lugar afeta-me, quer dizer, mobiliza ou modifica meu próprio estoque de imagens, sem, contudo, instruir-me sobre aqueles meus parceiros.

A minha curiosidade pelo tema da prostituição trouxe o inesperado em minha vida (Schuch 2016). Nas primeiras idas a campo, ainda na graduação, após ser convidada pelo proprietário do estabelecimento onde realizava a pesquisa – ou seja, o dono da casa de prostituição⁴ –, resolvi passar um final de semana inteiro no local. Todavia, com o desen-

⁴ Casa, aqui, entendida a partir de dois termos: o termo êmico utilizado pelos frequentadores enquanto sendo o local onde as garotas de programa, simultaneamente, exerciam sua profissão e moravam, permanecendo de seis a sete dias

rolar das horas, o que seria uma experiência de imersão, mostrou-me os limites e pudores do meu corpo. Após uma entrevista, fui pegar minha bolsa e objetos pessoais no quarto de uma das garotas com quem tinha conversado anteriormente. Ao adentrar no recinto, deparei-me com duas garotas namorando e se tocando. A cena fez minha face enrubescer. Sem saber o que fazer, peguei minhas coisas e saí em direção à porta. Foi quando escutei suas vozes dizendo: “Calma, mocinha, volta aqui. Não precisa ir embora”. A situação, constrangedora para mim, e o meu constrangimento acentuado por seus comentários jocosos fizeram surgir um misto de sentimentos de raiva, vergonha e desejo de fuga. Nesse momento, como destacam Siqueira e Favret-Saada (2005), soube mais dos meus limites e como eles podem ser revelados por outros olhares.

Além disso, devido ao fato de eu ser uma mulher muito jovem na época e de performar feminilidade e mulheridade (Nascimento 2021), experimentando diversos sentimentos, tomando consciência do meu corpo e sendo ele atravessado por sentimentos controversos, vi-me imersa, muitas vezes, em situações em que o desenraizamento não se deu apenas no nível moral, valorativo, mas também com relação às emoções e, sobretudo, a como eu percebia as relações entre gêneros, começando a desconstruir a heteronormatividade em mim.

O meu interesse por essa temática não foi fruto de uma percepção de que essas mulheres eram reféns de uma situação degradante e humilhante e por semana, tendo direito a uma folga – nem sempre utilizada – para sair do estabelecimento.

que, por isso, ocupam o lugar de vítimas de um contexto de opressão. Ao contrário, em minhas idas e vindas a campo, a alegria e a vivacidade daquelas mulheres me entusiasmavam profundamente.

Durante a noite, com o movimento intenso da *boite*, os jogos de sedução entre as garotas de programa, os clientes e os outros funcionários eram inúmeros. Múltiplos estímulos eram estabelecidos por todos e, assim, contribuíam para aguçar os sentidos das pessoas envolvidas nessa atmosfera. O corpo, com seus gestos e suas comunicações não verbais, é o principal agente da comunicação, construindo o campo semântico da sedução e da manifestação do desejo.

Os estudos sobre Antropologia do corpo têm demonstrado como a corporalidade é a forma primária pela qual experimentamos o mundo, representando uma fonte de expressão social de sentidos e sentimentos não verbalizados. Em um processo de tradução da sociedade, o corpo, pelas emoções, reage às regras, normas e preceitos sociais. Ao permitir a transgressão, ele cria o erótico. Bourdieu (1996: 56) concebe o “[...] habitus como um corpo socializado, resultado de uma história coletiva que se inscreve nas posturas, nos movimentos, nos gostos, que educa os sentidos e marca distinções que são tão significantes quanto menos passíveis de se tornarem objeto de reflexão”. Thomas Csordas (1994), pelo conceito de corporificação, consolida essa percepção do corpo a partir da experiência. “Corporificação, no sentido que estou usando, é um ponto de

vista metodológico no qual a experiência corpórea é entendida como sendo base existencial da cultura e do eu e, portanto, um valioso ponto de partida para a análise deles” (Csordas 1994: 2)⁵. Foi pelo meu corpo e suas características que adentrei nesse ambiente, uma mulher, jovem, que se permitiu ser desejada, paquerada e aprendeu o poder do mistério como elemento da sedução.

Durante os três anos em que me dediquei à pesquisa, tive de conviver com situações de constrangimento e questionamento em variados espaços que me fizeram pensar as possibilidades de escolha e de agenciamento destinadas a essas mulheres. Dessas situações, as mais inusitadas, para mim, foram as interlocuções com os professores da universidade, quando precisava defender a minha pesquisa. Para alguns professores, a vida daquelas garotas de programa só era interessante para mim, antropóloga. Elas não possuíam consciência da situação degradante em que viviam e, se tivessem, não estariam no lugar onde estavam. Em suas falas, havia sempre um julgamento moral que as definia como “menos humanas”, não tendo autonomia nem sobre o próprio corpo nem sobre o prazer que ele proporciona (Fonseca & Cardarello 1999). Além disso, segundo eles, as situações de miserabilidade que elas viviam não permitiam que elas refletissem sobre a realidade na qual estavam inseridas e eu, como um olhar de fora, teria o papel de denunciar os abusos que elas sofriam, assumindo uma postura “salvadora”. Outros professores e colegas de curso reiteradamente

indagavam sobre meu tema de pesquisa, tentando descobrir razões psicológicas “encobertas” para a minha escolha. Esses diálogos eram marcados por comunicações, nem sempre verbais, de que eu estaria à procura de algo ou de experiências acerca da minha sexualidade. Para essas pessoas, uma pergunta pairava sem ser verbalizada em seus termos diretos, que era se eu me prostituía – sendo esse o motivo pelo qual resolvi realizar a pesquisa.

Entretanto, foram essas situações que me fizeram ter a dimensão, pelo menos parcial, do que as pessoas que trabalham nesse estabelecimento de prostituição passavam. Foi a partir dessas situações vividas durante o período da pesquisa que me acendeu uma luz para várias reflexões: o quanto conviver em um ambiente de prostituição deixa cravado um sinal, quase impossível de ser removido, e que faz com que seja tão difícil para quem trabalha ali deixar de trabalhar ou vivenciar esse mundo. Os pés estão tão fortemente atados que desfazer os nós requer bem mais do que uma simples disposição, vontade ou mesmo uma decisão pragmática oriunda de uma escolha racional.

Dizer que os homens definem e moldam as próprias vidas é verdade só em abstrato. Em qualquer sociedade atual existem desigualdades específicas nos meios e, portanto, na capacidade de realizar esse processo... Assim Gramsci introduz o necessário reconhecimento da dominação e da subordinação em algo que, no entanto, ainda tem que ser reconhecido como um processo integral (Willians apud Ortner 2011: 445).

5 Trecho com tradução livre da autora deste artigo.

Dessa forma, para compreender as relações assimétricas e como elas se entrelaçam com os símbolos e os significantes que fazem operar os sistemas culturais em determinados contextos sociais, é importante ressaltar que, ao narrarmos as histórias das pessoas, essas não perdem materialidade, tornando-se abstrações do humano. Por isso, o processo de afetar-se é necessário, pois nos mostra as consequências de ocupar determinados lugares.

A pesquisa em alguns contextos se torna um desafio profissional, e pessoal, para muitos pesquisadores, sendo a desigualdade de gênero um fator que perpassa todo o processo. Se não fosse mulher, dificilmente seria indagada, mesmo que de forma velada, sobre as minhas práticas e interesses. Minha sexualidade, meus desejos e minhas condutas não seriam alvo de um escrutínio moral. Porém, foi essa entrada específica e o fato de ser mulher, jovem, que me fizeram perceber os efeitos da prática da prostituição nas rotinas e histórias dessas mulheres.

As limitações postas pelas nossas entradas e pelas nossas subjetividades durante a realização do processo de elaboração do texto dissertativo – uma vez que tornar-se pesquisadora é um processo constante de amadurecimento na compreensão de si e das relações estabelecidas com sujeitas e sujeitos – fazem com que as pesquisas se constituam como inacabadas, necessitando de retornos aos cadernos de campo. Aspectos antes negligenciados pelo nosso olhar passam a ganhar novas dimensões. Nesse sentido, a pesquisa etnográfica requer uma paixão que nos faça voltar sempre aos locais subjetivos da

memória para experienciar novamente o campo, mesmo quando a distância espaço-temporal não permite retornar a esses lugares – como ressalta o antropólogo João Biehl em entrevista concedida à antropóloga Schuch (2016: 421):

Reconhecer e abraçar o incerto e o desconhecido incentiva uma antropologia mais experimental e ajuda a manter nossa teoria mais realista e sensata e os nossos modos de expressão menos figurativos e mais prontamente disponíveis para rupturas, outros caminhos e desvios.

Como uma obra aberta ao inesperado e aos imponderáveis da vida que invadem a pesquisa, a etnografia se constitui como um método de pesquisa cujo objetivo é elucidar, descrever e compreender as relações humanas, suas potencialidades e os jogos especulares intersubjetivos estabelecidos em campo. Enredar-se nesses caminhos não é uma tarefa fácil, porém, sem a disposição ao estranhamento, a pesquisa torna-se inviável, formando lacunas e ruídos comunicacionais.

“As mulheres se ofereciam por acreditarem em um deus e os marujos as aceitavam por terem esquecido a sua existência” (Sahlins 1990: 26). Essa frase de Sahlins é demonstrativa das considerações dos trabalhos que desenvolvi, e aqui cito mais especificamente a minha dissertação de mestrado. Nesse trabalho, percebi que uma mesma prática, o intercuro sexual, possui significados e sentidos diferentes para as pessoas que a praticam. Desejo, afetos e amor são sentimentos e sensações que não encerram relações em si, mas criam sentidos diferentes que

perpassam conexões construídas localmente. No estabelecimento de prostituição em que realizei a pesquisa, é possível perceber uma economia da sedução por meio da qual o sexo oferecido pelas garotas de programa aos seus clientes não é o mesmo sexo oferecido aos seus namorados(as). Como destacado por elas, a entrega é diferente. Todavia, é o sexo, feito de distintas formas, que é trocado por essas garotas por afeto, proteção e cuidado com seus(uas) namorados(as) e por dinheiro com os clientes. Nessas intrincadas relações, circulam os eixos dinheiro e afeto movimentados por elas.

Ao descrever as relações estabelecidas em uma rede de reciprocidade pelas garotas, tive por intuito narrá-las para além dos termos tradicionais vinculados à prática da prostituição – “cliente”, “garota de programa”, “cafetão” e “gigolô” –, demonstrando que esses termos são limitados quando procuram definir, de antemão, dinâmicas sociais. Seus significados são relacionais e construídos simultaneamente quando são elaborados por diferentes atores. Dessa forma, o caráter histórico, social e contextual dos encontros concretizados durante uma pesquisa são aspectos que não podem ser negligenciados, visto que a sociedade se encontra em constante mudança e que todo conhecimento produzido é datado – mesmo que parte das análises seja profícua o suficiente para estimular novas pesquisas e idas ao campo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao empreender um retorno afetivo aos locais da memória, fruto das experiências em campo, meu obje-

tivo foi destacar a importância da etnografia para uma tradição antropológica. Para tal, parto do pressuposto de que compreender um sistema é, desse modo, “[...] penetrar no funcionamento das relações assimétricas [...]” (Ortner 2011: 455) e, assim, perceber os encaixes que perpassam as teias sociais e que são atravessados por dinâmicas de poder. Os nós não são facilmente percebidos, principalmente quando estamos enredados em nosso cotidiano. A dimensão das relações sociais que são reproduzidas a partir de naturalizações escapa ao olhar descuidado dos que vagam pelas ruas, seguindo suas rotinas. Cada coisa em seu lugar, tudo bem ordenado e classificado, não parece estranho aos que seguem o fluxo de suas atividades.

Dessa forma, por mais que haja um consenso acerca da capacidade de categorizar objetos, e até mesmo pessoas, o modo como diferentes culturas e atores classificam e ordenam o mundo à sua volta faz com que antropólogos, antropólogas e pesquisadores de distintas regiões realizem movimentos – espaciais, afetivos e simbólicos – em direção ao outro. Ao empreender esse movimento, a existência da etnografia é a nossa âncora para entrarmos e sairmos de espaços, transpormos barreiras, desnudando as gramáticas que perfazem práticas e discursos que configuram as relações sociais estabelecidas em campo e inseridas em dados contextos sócio-históricos. Como dito anteriormente, detalhar os passos dados é crucial para auxiliar futuros pesquisadores e contribuir para o surgimento de diálogos profícuos quanto aos limites e possibilidades de compreensão do outro e de exercício da alteridade.

Este texto representa um esforço de compreensão dos processos empreendidos por mim durante as pesquisas de campo, em que me utilizei dos passos dados durante minha formação acadêmica inicial, por acreditar que a distância tempo-espaço me permitiu rever o texto e as experiências por um novo olhar. Um olhar consciente dos limites das pesquisas feitas seguindo prazos e com a dificuldade de obter recursos suficientes para sua realização. Além do fato de, hoje, os assédios sofridos no período não prejudicarem tanto e servirem mais ao meu interesse de análise. Dito isso, quero ressaltar que

há sempre limites pessoais que fazem parte do fazer antropológico. Não deixamos de existir com nossos medos, anseios, problemas pessoais e toda dor e delícia de ser. São essas dores que aguçam nossas curiosidades, angústias e aflições, fazendo-nos sair de nossas casas para enveredarmos por trilhas desconhecidas. Cabe a nós o compromisso ético de detalhar nossas escolhas metodológicas, refletir sobre nossas entradas em campo, apontando sistematicamente as estratégias de pesquisa – tendo o suporte teórico como o guia para as nossas reflexões.

5. REFERÊNCIAS

Boas, Franz. 2004. *Antropologia Cultural 1958-1942*. Rio de Janeiro: Zahar.

Bourdieu, Pierre. 2006. A ilusão biográfica, in *Usos e abusos da história oral*. Organizado por Ferreira, Marieta de Moraes; Figueiredo, Janaína P. Amado Baptista, pp. 183-191. São Paulo: Editora Fundação Getúlio Vargas.

Castro, Eduardo Viveiros de. 2002. O nativo relativo. *Mana*. 8(1): 112-148. <https://doi.org/10.1590/S0104-93132002000100005>.

Clifford, James. 2011. *A experiência etnográfica: Antropologia e Literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

Csordas, Thomas. 1994. *Embodiment and experience: the existential ground of culture and self*. Cambridge: Cambridge University Press.

DaMatta, Roberto. 1974. O ofício do etnólogo ou como ter “Anthropological Blues”. *Boletim do Museu Nacional: Antropologia* . 27: 1-12.

Das, Veena. 2004. The Signature of the State: the Paradoxo of Illegibility, in *Anthropology in the margins of the state*. Organizado por Das, Veena; Poole, Deborah, pp. 225-252. Santa Fe, New Mexico: School of American Research Press.

Eriksen, Thomas Hylland e Nielsen, Finn Sivert. 2012. *História da Antropologia*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Fonseca, Claudia. 1999. Quando cada caso não é um caso. *Revista Brasileira de Educação*. 10(1): 58-78.

Fonseca, Claudia e Cardarello, Andrea. 1999. Direitos dos mais e menos humanos. *Horizontes antropológicos*. 5 (10): 83-121. <https://doi.org/10.1590/S0104-71831999000100005>.

Geertz, Clifford. 1989. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara.

Geertz, Clifford. 2001. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes.

Malinowski, Bronislaw. 1976. *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural.

Nascimento, Letícia Carolina. 2001. *Transfeminismo*. São Paulo: Editora Jandaíra.

Oliveira, Roberto Cardoso de. 1996. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. *Revista de Antropologia*. 39 (1): 13-37.

Ortner, Sherry B. 2011. Teoria na Antropologia desde os anos 60. *Mana*. 17(2): 419-466. <https://doi.org/10.1590/S0104-93132011000200007>.

Siqueira, Paula e Favret-Saada, Jeanne. 2005. “Ser afetado”, de Jeanne Favret-Saada. *Cadernos de Campo*. 13(13): 155-161. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v13i13p155-161>.

Sahlins, Marshall. 1990. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Sahlins, Marshall. 2003. Cultura e razão prática. Dois paradigmas da teoria antropológica, in *Cultura e razão prática*, pp. 61-105. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Schuch, Patrice. 2016. Antropologia entre o inesperado e o inacabado: entrevista com João Biehl. *Horizontes Antropológicos*. 22 (46): 389-423. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832016000200014>.

Souza, Neusa Santos. 1983. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Edições Graal.

Uriarte, Montoya Urpi. 2012. O que é fazer etnografia para os antropólogos. *Revista Ponto Urbe*. (11): 1-13. <https://doi.org/10.4000/pontourbe.300>

Velho, Gilberto. 1978. Observando o familiar, in *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Organizado por Nunes, Edson de Oliveira, pp. 121-132. Rio de Janeiro: Zahar.